

# Identificação de tropas amigas (1)

Editorial do "INFANTRY JOURNAL" de Maio de 1943

Trad. pelo 1.º Ten. JOÃO B. S. WAGNER

Uma das características imutáveis da guerra é a dificuldade de reconhecer as tropas amigas na confusão do combate. Esta é uma das razões pelas quais foram adotadas os uniformes e os distintivos e as cores de identificação tornaram-se de uso geral. A medida que aumentava a eficiência das armas, as forças militares eram submetidas a duas imposições: o desejo de mascarar as tropas pela adoção de cores e uniformes, que as confundissem com o terreno, e o de tornar possível a identificação das tropas e do material, à distância.

Nada afeta máis adversamente o moral, do que o fato da tropa pensar que está sendo submetida ao fogo da artilharia amiga ou metralhada e bombardeada pela sua própria aviação. O efeito está sempre absolutamente fora de proporção com os danos causados e é muito maior do que se o mesmo fosse infligido pelo inimigo. Foi para evitar tais dificuldades que os infantres franceses em 1914 usaram as conhecidas faixas vermelhas, aliás muito condenadas.

Muitas vezes as tropas ficam convencidas de que estão sendo submetidas ao fogo de forças amigas quando, de fato, não o estão. Um famoso exemplo disso teve lugar durante a campanha de Gallipoli. Na cota Q. situada nas elevações da Sari Bahr, a 9 de agosto de 1915, o I Batalhão do 6.º Gurkhas e um destacamento do 6.º South Lancashires capturaram, finalmente, a altura que tinha comandamento sobre o estreito. Antes de terem podido consolidar a posição, uma saraivada de granadas de artilharia varreu-os das alturas. Supunham eles que este fogo vinha das armas ou das canhoneiras amigas. Seguiram-se, então, severas recriminações, mas tanto o comando da artilharia terrestre como o da naval declararam que o fogo fora

(1) Devido ao racionamento do papel não saiu no número passado.

feito pelos turcos. As perturbações que tais fatos causaram em todos os exércitos na última guerra tornaram-se bem expressivas pelas lamúrias escritas pelos alemães nas paredes e abrigos: "Tememos somente a Deus e à nossa própria artilharia".

Com o desenvolvimento da guerra aérea e com o aumento da rapidez das operações mecanizadas, as dificuldades de reconhecer as tropas amigas tornaram-se muito maiores. Os aviões deslocando-se a 360 milhas por hora e os veículos a 20 ou 30 milhas, são muito mais difíceis de ser identificados do que o infante, marchando a apenas 4 milhas por hora. Para eles, também, torna-se difícil reconhecer as tropas amigas, em virtude de sua velocidade. Tem havido (e sem dúvida haverá mais) informações de tropas, navios e material que foram atacados por aviões ou forças amigas. Tem sido noticiado que pilotos japoneses bombardearam e metralharam suas próprias tropas terrestres. Metralhadores anti-aéreas de porta-aviões japoneses abateram seus próprios aviões, enquanto estes perseguiram os nossos bombardeiros de mergulho que atacavam. Também navios da armada do "micado" abriram fogo contra seus próprios vasos de guerra, em encontros noturnos nas ilhas Salomão e navios italianos fizeram o mesmo na batalha do Cabo de Matapan. Bombardeiros de ambos os lados equivocaram-se quanto à identidade de navios de superfície, no Mediterrâneo.

Mesmo esquadrilhas de Stukas, já experimentadas, bombardearam, repetidas vezes, de baixa altura, suas própria tropas e material, na Africa do Norte. O Sargento J. A. Brown, adido a uma secção de morteiros do exército britânico, em El Alamein, em 31 de outubro de 1942, escreveu em recente número de "Saturday Evening Post":

"Hoje foi um dia triste para a Luftwaffe. Para espanto e alegria de todos que observaram, vinte e dois Stukas mergulharam de maneira espetacular, porém erroneamente, sobre sua infantaria, já muito bombardeada. Logo que as bombas bateram no chão e levantaram pó, um grito selvagem de exultação irrompeu de um milhar de gargantas (britânicas).

Os homens bateram-se, jubilosos, nas costas uns dos outros. Era claro que este ataque nos estava destinado.

Foi um grande divertimento conjeturarmos a animada conversação que, naquele momento, fervilhava nas linhas telefônicas dos alemães. E nos deliciávamos em crer que os aviões eram pilotados por italianos.

Um segundo raide efetuado à tarde foi interceptado pela RAF. Penso que os alemães devem ter ouvido nossos brados de contentamento, dominando o barulho das bombas. Por mais incrível que pareça, eles repetiram a façanha! Despejaram todas as bombas sobre seus companheiros. Praticamente, apagaram suas linhas do mapa. Foi o espetáculo mais belo que já vi até agora. Vi sargenteantes robustos brincarem, silenciosamente, com a areia, num êxtase de alegria; julguei que uma das veias do Coronel fosse rebentar...

Forças terrestres, particularmente tropas encarregadas da defesa anti-aérea, gastam muito tempo para identificar os tipos dos aviões, tarefa que se tornou difícil, tendo em vista a velocidade dos aparelhos modernos. Mas o que pode ser feito para tornar mais fácil aos pilotos a identificação das tropas e do material amigo? O piloto de um moderno avião de combate olha para o campo de batalha através de grossos vidros de segurança, além dos óculos protetores. Por outro lado, ele vai sentado numa posição que restringe sua visão e viaja aproximadamente a quatrocentas milhas por hora. Ele tem de identificar os objetos terrestres em questão de poucos segundos. Quando ambos os lados se utilizam da camuflagem ou de cobertas, seu problema é imensamente complicado. No empoeirado deserto, uma coluna de tanques ou de veículos amigos, que se aproxima de suas próprias linhas, pode ser tomada por máquinas inimigas que atacam. O velho stratagem de virar para traz a torre dos tanques, quando em movimento, em direção das linhas amigas, é muitas vezes copiado pelo inimigo;

porque, além disso, girar de 180° a boca de um canhão motorizado, não é coisa fácil. Os tradicionais distintivos de identificação tais como cruzeiros negros ou estrelas vermelhas ficam muitas vezes, cobertas pela poeira.

Os alemães, na África do Norte, começaram a pintar de encarnado toda a parte trazeira de seus tanques. Como as faixas vermelhas dos infantos franceses de 1914, este uso de tinta encarnada deixou a artilharia alemã e sua força aérea em condições de saber onde se encontram seus próprios veículos. Parece que os alemães estão convencidos de que os pequenos distintivos são inadequados e portanto se arriscam a permitir a identificação de seus elementos pelas forças aéreas inimigas. Há muitas razões para que tal sistema seja recomendado.

As operações em terrenos de matos densos ou de selva determinam ainda, para os pilotos, maiores dificuldades de identificação. Raramente podem eles assegurar-se da localização de suas linhas se estas estiverem cobertas por folhagens. As bandeiras de sinalização ou os painéis de identificação, em terra, não podem ser vistos. A solução do caso parece estar no emprego de foguetes com fumaças coloridas ou com artificios, que se elevem acima das árvores.

Recentes operações no sudoeste do Pacífico e na África do Norte parecem indicar que a identificação das forças amigas, quando feita do ar, é um dos mais árduos problemas que temos a enfrentar. Isto fez surgir uma questão para saber-se o que é mais importante: dissimulação ou identificação? Se a dissimulação antes e durante a batalha é mais importante que a imediata identificação das forças amigas ou inimigas, então as cores atuais do equipamento, veículos e distintivos são satisfatórias. Por outro lado, pode-se perguntar se os tradicionais distintivos e cores de identificação não deveriam ser substituídos por uma cor bastante viva ou por um distintivo bem visível, afim de serem reconhecidos com facilidade pelos aviões, operando em altitudes normais. Visto que este assunto é de interesse para todos os combatentes, "THE JOURNAL" ficará imensamente satisfeito em publicar o melhor comentário recebido. Remetam suas sugestões.